



A passagem de
ANTONIO SILVINO
por Esperança

Versão eBook



Rau Ferreira



A passagem de
ANTONIO SILVINO
por Esperança

*Esta é uma versão simplificada do livro
no formato eBook para divulgação na web.*

Edições
Banabuyê

Esperança - Paraíba



FERREIRA, Rau. *A passagem de Antonio Silvino por Esperança.*
Versão eBook. Edições Banabuyé.
Esperança/PB: 2011

© **Copyright do Autor**

Todos os direitos desta edição são reservados ao autor.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

Esperança - Paraíba





*Ao povo esperancense,
sua cultura, sua arte e
o potencial histórico
que existe em cada re-
canto deste município.*





NOTAS SOBRE O AUTOR

Rau Ferreira é cidadão esperancense, bacharel em direito pela UEPB e funcionário público estadual concursado. Casado com a professora Carmem Lúcia e pai de duas filhas, Hauane e Heloíse.

Colabora com diversos portais de notícias e boletins informativos. É editor do blog “História Esperancense” e publica uma coluna no Jornal “A Folha de Esperança.

Prefaciou o livro do Coronel Elísio Sobreira escrito por Inácio Gonçalves de Souza (Idealgraf: 2010) e fez o encerramento desta obra com o artigo “O Funeral de um Comandante”. Além de ser autor da biografia de Silvino Olavo (Epgraf: 2010 e João Benedito (Copiadora União: 2011).

Como poeta participou do recital de poesia promovido pelo Departamento de Cultura no I EMPARPE - Encontro de Arte Popular de Esperança (2010) e integra o grupo denominado “Memorialistas” juntamente com Evaldo Brasil, Calos Almeida e Karl Marx Valentim, que realiza telúricas literárias na cidade.

E como pesquisador tem descoberto papéis e documentos que remontam à formação do município de Esperança, desde a concessão das Sesmarias até a fundação da Fazenda Banabuyê Cariá, que foi a sua origem.

O Editor





A passagem de
ANTONIO SILVINO
Por Esperança

INDICE

I. O município de Esperança	6
II. A passagem do cangaço em Esperança	9
III. Antonio Silvino em Esperança	11
IV. Notas sobre o autor	7
V. Último conto	20
VI. Fontes consultadas	23



O MUNICÍPIO DE ESPERANÇA

Esperança foi habitada em eras primitivas pelos Índios Cariris, nas proximidades do Tanque do Araçá. Sua colonização teve início com a chegada do português Marinheiro Barbosa, que se instalou em torno daquele reservatório.

Posteriormente fixaram residência os irmãos portugueses Antônio, Laureano e Francisco Diniz, os quais construíram três casas no local onde hoje se verifica a Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira.

Não se sabe ao certo a origem da sua denominação. Mas Esperança outrora fora chamada de Banabuié (1757), Boa Esperança (1872) e Esperança (1908), e pertenceu ao município de Alagoa Nova.

Segundo Léon Francisco R. Clerot, banauié é um “*nome de origem indígena, PANA-BEBUI – borboletas fervilhando, dados aos lugares arenosos, e as borboletas ali acodem, para beber água*” (30 Anos na Paraíba: 1969, p. 140).

Na opinião precisa de Irineo Joffily, deveria ter permanecido o vocábulo Tupi por mais auspicioso que fosse o de “*Esperança*”. Acrescenta ainda o historiador que Banabuié sempre foi o nome deste lugar (Notas sobre a parahyba: 1824, p. 208).

Corroborando esta tese, Tarcízio Dinoá noticia a existência de um documento que se encontra na Torre do Tombo em Lisboa, escrito por volta de 1757, que descreve a nossa “*Banabuyê*” situada a duas léguas do sítio denominado Oriá (Areal), a beira de um açude (*in*: Freguesia do Cariri de Fora: 1990,

p. 40/43).

Narra a história que o nome Banabuié, “*pasta verde*” - numa melhor tradução do tupi-guarani - teria sido mudado para o topônimo de Esperança por Frei Herculano, devido ao simbolismo que esta representa. *Banabuyú* na língua Tupi significa Brejo ou Pantanal das Borboletas.

Uma outra versão porém é atribuída ao Padre Ibiapina. Conta-se que este clérigo teria nomeado algumas cidades da região segundo as três virtudes teológicas: Fé (Santa Fé, atual município de Arara), Caridade (Soledade ou Pocinhos, não se sabe ao certo), e, para *Banabuié* o do município de Esperança.

Esta narrativa guarda um certo sentido devido a grande influência exercida por este vigário em nossa região. Ele mesmo teria fundado em 1862 o cemitério local motivado pelo surto de *Cólera Morbidus*.

O fato é que até 1860 não existiam cemitérios na região. Os ricos eram sepultados nas Igrejas, enquanto os pobres eram enterrados nos campos. Segundo documentos históricos, Padre. Ibiapina teria resolvido o problema construindo os cemitérios de Arara, Pocinhos e Alagoa Nova; e se supõe que ele teria edificado também o de Esperança.

Em torno da Capela de Nossa Senhora do Bom Conselho, construída em 1862 onde hoje está situada a Igreja matriz, surgiu uma feira semanal onde houve agregação de várias casas tendo esta se desenvolvido e alcançado a condição de vila.

Em 20 de Maio de 1908, criou-se a freguesia de Espe-

rança, sob o comando do Padre Francisco Gonçalves de Almeida. E em 1885 foi instalada a agência dos Correios e Telégrafos cujo agente era Antônio Albuquerque Lima.

Devido ao seu desenvolvimento motivado por diversos fatores, inclusive a sua vocação comercial, o local foi elevado à condição de vila e depois distrito de Alagoa Nova.

A cidade porém só foi emancipada em 1925, através do empenho de alguns abnegados e pessoas ilustres como Silvino Olavo e o Coronel Elísio Sobreira. Neste mesmo ano foi criado o Termo Judicial, vinculado à Comarca de Areia.

Assumiram o governo mirim Manuel Rodrigues de Oliveira na condição de Prefeito, e Teotônio Tertuliano da Costa como Vice, prestando compromisso no Paço Municipal junto ao Dr. João Marinho da Silva, Juiz do Termo recém nomeado.

Há quem diga que a mola propulsora para o seu desenvolvimento foi o comércio, aliado a outros fatores que lhe dão sustentação até hoje.

Esperança portanto se destaca no cenário paraibano como uma das maiores arrecadadoras de ICMS. Sua posição geográfica estratégica lhe possibilita ser polo para vários municípios.

A sua feira livre é uma das mais concorridas e diversas empresas se instalam diuturnamente, acentuando ainda mais essa vocação comercial tão privilegiada.

PASSAGEM DO CANGAÇO EM ESPERANÇA

O Cangaço foi um movimento alimentado por questões sociais e que perdurou no Nordeste brasileiro até início do Século XX. Virgolino Ferreira – o “Lampião” - foi o seu maior representante.

Suas ações eram violentas como também foram violentas as repressões aos cangaceiros. Invadiam propriedades, saqueavam armazéns e perambulavam pelos sertões, na maioria da vezes fugindo da força policial que diligentemente perseguia esses grupos.

E em Esperança não podia ser diferente.

No dia 28 de maio de 1910, na localidade de Lagoa de Pedra, houve uma acirrada luta entre a polícia e os cangaceiros, tendo caído morto o Alferes Antônio Pereira de Melo.

Outro registro da época vem do “Capitão” Antonio Silvino, cujo nome verdadeiro era Manoel Batista de Moraes, e que aterrorizava a região. Ele e seus “cabras” aprontaram também em Lagoa de Remígio e Lagoa de Roça.

Porém, a história nos dá conta que o Silvino sempre respeitou esta comunidade e nunca invadiu esta povoação pois a antiga Vila de Banabuyé “sempre prestava a ajuda que se fazia necessária” (Livro do Município, p. 35).

O fato é que Antonio Silvino costumava ficar nas imediações e enviava seus homens para arrecadar dinheiro entre os comerciantes, no compromisso de abster-se de perturbar estas paragens.

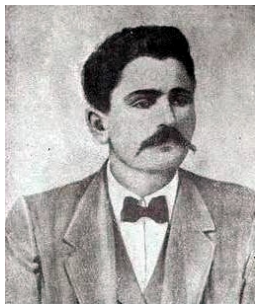
Os mais antigos falam ainda da presença de Antonio Suliano, que teria atuado no Sítio Cabeço.

Não encontramos referência a “Lampião” na região de Esperança, mas sabe-se que a sua última aparição em terras paraibanas foi em 1927.



Vista parcial do município de Esperança na época do cangaço, detalhes do Araçá

ANTONIO SILVINO EM ESPERANÇA



Manoel Batista de Morais (1875-1944) ficou mais conhecido pela alcunha de Antônio Silvino. Movido pelo sentimento de vingança dos assassinos de seu pai, o cangaceiro liderou o bando do seu finado tio Silvino Ayres e atuou em diversas cidades do compartimento da Borborema, entre elas Esperança.

Era identificado como Leão do Norte, Rifle de Ouro, Mestre da Morte e outros epítetos. Sua conduta porém, destacava-se dos demais bandoleiros: roubava dos ricos, fazia justiça às moças defloradas e jogava moedas para os pobres.

Segundo relatos, certa vez Antonio Silvino apeou seus cavalos nas proximidades do SESP enquanto um de seus cabras procurou os comerciantes locais que lhe forneceram a ajuda necessária, no compromisso de abster-se de perturbar estas paragens. Alcançado o intento saiu sem deixar rastros. O “Capitão” considerava esta uma terra “onde a gente é muito mansa” (Chagas, p. 128).

A vida e as proezas de Antonio Silvino foram contadas em versos por Francisco das Chagas Batista (A Vida de Antonio Silvino, 1904). Em alguns versos de cordel que se atribui façanhas ao “herói do norte”. Encontramos em um antigo cordel uma menção da presença deste cangaceiro em Esperança.

Eis os versos segundo a grafia da época:

“- 31 -

*E entrei, no dia seguinte,
Na povoação de Esperança.*

*Na povoação de Esperança
Dois macacos eu preendi,*

*Como êles não se opposeram
Soltei-os, não os offendi;*

*Então dos negociantes
Os impostos recebi.*

*Que exigi somma guardada
Do commercio ninguém pense:
Recebi só os impostos
Porque isto a mim pertence,
Até que um dia o governo
De perseguir me dispense*

*Da Esperança dirigi-me
A Villa de Soledade,
Ahi, de José Coito,
(com quem tenho inimizade)”.*

Por três vezes Antonio Silvino tentou a reabilitação, tendo inclusive procurado o Padre Francisco Gonçalves de Almeida, vigário de Esperança, e aos padres José Paulino e Custódio de Santa Luzia, para que estes intervissem em seu indulto. O resultado foi um acordo, em 1912, entre Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco para acabar com o Cangaço a qualquer preço.

Reforçando ainda mais a presença do velho “*Rifle de Ouro*” encontramos referência no cordel “*História do Capitão Antonio Silvino – do Agreste ao Sertão*”, escrito por Ary Dantas, com argumento, teoria e rima do locutor Israel Galdino (Longa Ponga). O material pertence ao acervo de Antonio Barbosa, que nos franqueou a agradável leitura. E foi doado pelo radialista em 30/03/2011.

Anotamos alguns versos do cordel:

*“No município de Esperança
O prefeito Manuel Rodrigues
Era uma grande liderança
No Cemitério eles se encontraram
Com Silvino que lhe entregava
Um dinheiro para as suas andanças”.*

(Op. Cit., p. 08).

De fato, o velho capitão nunca invadiu estas paragens recebendo dos comerciantes locais o que precisava. Perturbou, porém, Lagoa de Roça, Remígio e Alagoa Nova, nossos vizinhos.

E acrescenta o cordel de Ary:
“*Seu Porfírio aqui de Esperança
Guarda uma arma de lembrança
Que o Capitão Antonio Silvino
Na sua vida lutara
Com a sua grande turma
Que com a arma executava*”

(Op. Cit., p. 07).

Naquele tempo era comum a presença de cangaceiros na região. Consta ainda que no dia 28 de maio de 1910, em Lagoa de Pedra, houve uma acirrada luta entre a polícia e os cangaceiros, tendo caído morto o Alferes Antônio Pereira de Melo.

Narra ainda o folheto que, em 1913 no atual município de São Sebastião de Lagoa de Roça, o alferes Joaquim Ferreira Coura, bisavô de Israel, desafiou Antonio Silvino e deu-lhe um tiro de raspão. Porém, temendo um mal maior o agricultor foi refugiar-se em Santa Luzia.

Segundo ainda o site onordeste.com, o cangaceiro “*No auge da vida de bandoleiro, agiu em Fagundes, **Esperança**, Monteiro, Alagoa Grande e Cabaceiras, até ser preso e levado para a Casa de Detenção, no Recife, onde ficou 22 anos*”.

Em 1914, de passagem pelo Cabeço, extrema dos municípios de Esperança e Pocinhos, Antonio Silvino e seu bando encontrou pelo caminho um boi bravio que logo investiu contra o bando. O capitão deu-lhe um tiro no meio da testa deixando o animal a sua sorte.

À noite, quando os homens estavam acampados, ouviram os mugidos tristes do animal que, segundo consta, perseguia os seus executores. Dizem que o boi se aproximou do cangaceiro esvaindo-se em sangue e pondo-se a urrar, nesse momento o seu algoz puxou do rifle que lhe negou fogo. Percebendo que isto era um sinal, Silvino não deixou que nenhuns dos companheiros atirassem no bicho e seguiram viagem.

Antonio Silvino, que era um homem muito supersticioso, decretou naquele momento que a sua sorte havia acabado. De fato, pouco tempo depois desse episódio o famoso “*Rifle de ouro*” era baleado e preso em Pernambuco.

Francisco das Chagas Batista registrou o fato em cordel. Eis o trecho em questão:

*“Aos dezoito de novembro
Eu em Pocinhos Cheguei;
Que o Padre Antônio Galdino
Desse-me um jantar, mandei;
E que me servisse à mesa
Ao mesmo padre obriguei.*

*Ao retirar-me, esse padre
Lançou-me a excomunhão,
Missa de corpo presente
Cantou em minha tensão
Na noite do mesmo dia
Me apareceu uma visão.*

*Eu estava em uma casa
Jogando bem descuidado
Quando apareceu-me um homem
Com um objeto embrulhado;
E me disse: - Eis um presente
Que para si foi mandado.*

*Ergui a vista, porém,
Já o homem não avistei;
Abri o pacote, e dentro,
Um par de algemas achei;
Fiquei tão impressionado
Que ali quase me assombrei!*

*Compreendi que o padre
Botara-me urucubaca!
A estrela que me guiava
Via-a no céu mais opaca;
De minha vida a corrente
Conheci que estava fraca.*

*Na manhã do outro dia
Eu na estrada encontrei
Com o boi de Cristiano;
Bem à testa lhe atirei;
Visto não pegar o “gringo”
No boi dele me vinguei.*

*Depois de andar oito léguas
De onde o boi tinha ficado,
Debaixo de um umbuzeiro
Sentei-me um pouco enfadado,
Quando vi chegar o boi
No qual eu tinha atirado.*

*Esbarrou perto de mim
Ameaçando me dar,
Chegou esvaindo em sangue
E dando para urrar;
Como quem vinha somente
Para de mim se vingar.*

*Quando vi aquela cena
Perdi logo a esperança;
Conheci minha vida
Estava numa balança;
Ourro do boi dizia
Meu sangue pede vingança!*

*Conheci que aquele boi
Da morte era o mensageiro;
Quis atirar-lhe, e meu rifle
Mentiu fogo; então ligeiro,
Me retirei e não quis
Que o matasse um companheiro.*

A história é verídica. Além de encontrarmos esses elementos no livro de Bismark Martins [vide fonte], o fato sempre foi relatado em família pelo meu avô materno Antonio Ferreira, que ouvia do seu pai, Neco Ferreira, os quais foram proprietários do Cabeço por mais de 40 anos.

Antonio Ferreira – também conhecido por *Antonio Guiné* – dizia ainda ter visitado o cangaceiro na prisão, onde insistiu para que este se arrependesse de seus atos. Mas o “Leão do Norte” teria dito naquela oportunidade:

- Antonio, eu sei o que fiz!

Preso em 1914 e submetido a julgamento em Pernambuco, foi condenado por seus delitos. Em 1921. O Jornal “A União” estampava esta notícia:

“Tendo sido condenado pelo júri de Olinda a 30 anos de prisão por crimes cometidos em Bom Jardim, regressou ontem à Casa de Detenção desta cidade o célebre bandoleiro Antonio Silvino, cujo verdadeiro nome é: Antonio Batista de Moraes”.

O cangaceiro foi encaminhado a Casa de Detenção do Recife, onde permaneceu recolhido cumprindo sua pena.

Liberado por força do indulto em 1937, Antonio Silvino teria telegrafado ao Ministro José Américo de Almeida solicitando um emprego federal “*pelos relevantes serviços que prestei ao Nordeste*” (SANTOS: 2001, p. 181).

O progresso que impulsionou este município e sua vocação comercial foram relatadas por José de Cerqueira Rocha, esperancense que por algum tempo dirigiu o jornal "O Globo", do Rio de Janeiro.

Em artigo especial para o Anuário da Paraíba (1934), referindo-se a passagem do cangaceiro em Esperança escreve:

"As bravatas de Silvino, contudo, não repercutiam temivelmente alli, porque a gente do lugar não lhe attrahira as iras".

Segundo alguns depoimentos que pudemos coletar, por aqui trafegava a "sopa", um antigo ônibus que vinha do Rio Grande do Norte com direção à Campina Grande. O ponto na vinda era em frente a alfaiataria de seu Silvestre Batista, onde hoje estabelece o Atacadão dos Eletros, e na volta, parava no hotel de seu Dedé, atual Super Esperança.

Certa vez, Antonio Silvino vinha de passageiro nesta lotação e ao parar em frente a alfaiataria teria perguntado se Manoel Rodrigues ainda era vivo, e dito logo em seguida:

- Diga a ele que Antonio Silvino manda-lhe lembranças!

Velho e cansado, não representava aquele homem perigo algum.

Anos mais tarde Antonio Silvino converteu-se ao evangelho terminando seus dias de vida na cidade de Campina Grande.

Faleceu em 1944, sendo sepultado no Cemitério do Monte Santo.

UM ÚLTIMO CONTO

A lenda a seguir foi-me narrada por um amigo em franca colaboração. Estou repassando a preço de custo.

Dizem que o cangaceiro Antonio Silvino percorria a região polarizada por Campina Grande, chegando às fronteiras de Alagoa Nova e Esperança, onde comparecia para angariar fundos para e abastecer o bando com os mantimentos necessários.

Certa feita, passando por uma propriedade pediu ao sitiante de comer e este se desfez das poucas galinhas que possuía para alimentar o grupo faminto. Após se satisfazerem seguiram viagem, mas o capitão em um ato de remorso - devido ao estado de pobreza daquela família -, pediu para um de seus homens voltar e entregar uma pataca a uma criança que brincava no terreiro, esta com pouco mais de ano de nascido. A pataca representava uma moeda de grande soma.

E assim foi feito. Contudo, o ajudante era desonesto e, arrependido, voltou do caminho colocando a moeda no seu alforje. Ao chegar, Antonio Silvino lhe perguntou o que o infante teria feito e este respondeu “nada”.

- Então, disse o capitão, você não entregou! Volte e faça como mandei.

Na volta, o cangaceiro lhe fez a mesma pergunta e a resposta foi:

- o bebê colocou a prata na boca. Percebeu naquela hora o capitão que sua ordem havia sido cumprida, pois isto era esperado para a uma criança naquela idade.

Coincidência ou não em Esperança existe um lugar chamado “Meia pataca” onde registros imemoriais dão conta de que ali fora encontrada uma moeda de alto valor (Livro do Município: 1985). E comentando a esse respeito o jornalista Evaldo Brasil, disse:

- Talvez o pau-mandado não fosse tão leal e, mesmo cumprindo as ordens do capitão, não o fez a contento, pois retornou e trocou uma pataca por metade daquele valor, entregando em seguida ao inocente.

Quem conta um conto....



Açude Banabuyé - aspecto do tempo
do Capitão Antonio Silvino

Fontes consultadas:

- A UNIÃO, Jornal. Órgão do Governo do Estado da Paraíba. João Pessoa/PB. Edição de 16/06/1921.
- BATISTA, Francisco das Chagas. Literatura popular em verso. Casa de Rui Barbosa: 1977.
- CARVALHO, Rodrigues. *Serrote Preto: Lampião (e seus sequases)*. 2ª Edição. Sedegra: 1974.
- CURRAN, Mark J. *História do Brasil em cordel*. Edusp: 1998, p. 67.
- DANTAS, Ary. GALDINO, Israel. *História do Capitão Antonio Silvino – do Agreste ao Sertão*. Cordel, edição N° 06. Acervo de Antonio Barbosa. Esperança/PB: 2011.
- ESPERANÇA, Livro do Município de. Ed. Unigraf: 1985.
- ESPERANÇA, Paróquia de. *Livro Tombo n° I*. Esperança/PB: 1908.
- FERNANDES, Raul. *Antônio Silvino no RN*. Ed. Clima: 1990, p. 56;
- GRUNSAN-JASMIM, Élise. Trad. Maria Celeste F. Marcondes e Antonio de Pádua Danesi. *Lampião: senhor do sertão*. Editor Universidade de São Paulo: 2006.
- MAIOR, Mário Souto. *Antônio Silvino, capitão de trabuco*. 2ª Edição. Bagaço: 2001.
- MEDEIROS, Coriolando de. *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba*. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Saúde Pública. 2 ed. Imprensa Nacional: 1950.
- NORDESTE, O. <http://www.onordeste.com>. Acesso em 07 de abril. Website: 2011.

- OLIVEIRA, Bismark Martins de. *Cangaceirismo no Nordeste*. Senado Federal. Brasília/DF: 1988.
- RHCG, Blog. <http://cgretalhos.blogspot.com>. Campina, 25 de agosto. Paraíba: 2010.
- SANTOS, Valter Araújo dos. *S. Sebastião de Lagoa de Roça - Anotações para a sua história*. Ed. Gráfica Fabrício: 2001, p. 178/181.
- SERAFIM, Péricles Vitério. *Remígio, brejos e carrascais*. Ed. Universitária: 1992, p. 124

Edições
Banabuyê